ANO 27 — SÉRIE VI N.º 250 1.º QUINZENA DE MARÇO DE 1958 PREÇO $60

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

FALEMOS CLARO

Ao defendermos que a única via capaz de levar de vencida o salazarismo é a via das acções de massas e da união de todas as forças democráticas e anti-salazaristas, união alicerçada nessas acções de massas por reivindicações económicas, políticas e sociais — ao defendermos isto, nós não queremos pensar sequer sim não admitir que outros democratas e anti-salazaristas pensem e ajam de forma contrária, aberta e claramente.

Nós, comunistas, e connosco muitos outros democratas, consideramos que os únicos inimigos a combater é Salazar, a sua camarilha fascista e os imperialistas que os apoiam e consideramos também que a união de todos os democratas e anti-salazaristas é indispensável para se obter a força capaz de conduzir à vitória sobre eles.

Desde Maio de 1956 que apelamos para a realização de um acordo com vista à participação nas eleições e à criação de um bloco eleitoral único, sem descriminações. A despeito dos nossos esforços e de muitos outros democratas e dos bons objectivos do decurso da última campanha eleitoral esse objectivo não foi alcançado. De então para cá temos continuado a lutar, a desenvolver todos os nossos esforços, para se conseguir tal objectivo, com o qual todos os democratas e o povo ganharíam e só Salazar e a sua camarilha perderiam.

Como já foi dito, em relação às últimas eleições, um grupo de democratas que a si próprios se apelidaram de abstencionistas começaram por fazer crer que concordavam e actuavam com vista à escolha de candidatos a deputados, chegou-se mesmo a elaborar listas. Quando, mesmo contra a sua vontade a oposição, muitos outros democratas levaram por diante o jantar de 20 de Julho para se decidir da participação da Oposição nas eleições de Novembro passado e escolher uma Comissão Nacional para orientar o movimento eleitoral, esses democratas apressaram-se, na véspera, como é do domínio público, a criar apenas entre si, uma «*Comissão de Candidaturas*» e a comunicar incompreensivelmente ao ministério da Presidência a sua composição. Com a posição abstencionista tomada à última hora, viu-se que com tal Comissão apenas se teve em vista impedir a escolha e apresentação de candidatos a a criação de um movimento eleitoral largo.

Dir-se-á: Estão no pleníssimo direito de actuar como quiserem? Sem dúvida que sim e não seremos nós a negar-lho. Perguntemos apenas: Porque não colocaram desde o princípio a sua posição abstencionista? Porque não defenderam desde o princípio tal orientação? Porque não tornaram tal orientação conhecida de todos os democratas e do povo para, como seria lógico, os ganharem para a sua posição.

O candidato de que o povo precisa

Nós, comunistas, e como nós muitos outros democratas, pronunciamo-nos já por várias vezes pela escolha de um candidato democrático para representar TODA A OPOSIÇÃO nas próximas eleições presidenciais e pela criação de um movimento eleitoral sem descriminações. Esses mesmos democratas, querendo ignorar todos os outros (que são a maioria) e a vontade das massas populares já expressa no banquete de homenagem ao senhor engenheiro Cunha Leal, nas comemorações do 31 de Janeiro em todo o país e nas numerosas moções e mensagens representando muitos milhares de portugueses e portuguesas enviadas ao senhor engenheiro Cunha Leal de apoio à escolha e apresentação de sua candidatura, esses democratas, iamos dizendo, começaram por escolherem, entre si, um como possível candidato, quando toda a gente sabia que o escolhido defendia a abstenção total. Pouco depois, como é do domínio público, começaram a defender a candidatura do general fascista Humberto Delgado e a combater directa e indirectamente a candidatura do Senhor Engenheiro Cunha Leal. Depois, alguns de entre elas, começaram a defender a apresentação simultânea de um candidato civil e de outro militar para depois, dizia-se, o primeiro desistir em favor do segundo. O militar seria o general Humberto Delgado. Temos de convir que este jogo era um jogo cheio de perigos para todos os democratas e o povo. Mais recentemente, então já com mais clareza, uma parte deles defende a abstenção total e, a outra parte a participação nas eleições, mas para se desistir antes do fim.

Não queverá tudo isto dizer que apenas se tinha em vista entreter para obstaculizar ou impedir mesmo a criação de um movimento eleitoral largo e a escolha de um candidato democrático às eleições presidenciais?

Nova manobra prejudicial

Depois disto novos elementos de confusão aparecem. Foi eitrada para várias regiões do país sem qualquer explicação e acompanhá-la, uma circular falando abusivamente em nome de toda a Oposição pedindo assinaturas em favor da candidatura do Senhor dr. Santos Silva. A forma forçada como apareceu e o facto do sr. dr. Santos Silva se pronunciar pela abstenção deixa-nos prever que o nome deste velho democrata esteja a ser utilizado numa manobra que pode consistir em se apresentar a sua candidatura para se desistir a meio, ou para facilitar a apresentação da do general H. Delgado, como o afirmou sem rodeios um dos principais promotores da candidatura do senhor dr. Santos Silva. Embora pareça inconcebível, é assim mesmo.

Dir-se-á: mas o senhor dr. Santos Silva é um velho, honrado e prestigioso democrata? Perfeitamente. Entretanto, o seu nome não aparece com o objectivo de se conseguir a sua volta e do seu programa eleitoral a unidade sem descriminações, não aparece para se criar um amplo movimento eleitoral, mas para impedir que a maioria dos democratas a escolha e apresente um candidato democrático para se atingirem justamente esses objectivos.

A TUDO O QUE ACABAMOS DE NARRAR E SÓ A ISTO, SE DEVE NÃO HAVER AINDA UM CANDIDATO DEMOCRÁTICO ESCOLHIDO E UM JÁ LARGO E FORTE MOVIMENTO ELEITORAL A SUA VOLTA.

Há também quem opine que a candidatura deve ser de determinada região. Isto é mau e pode conduzir e dividir e não a unir, a espalhar também a confusão. A candidatura, como é desejo da maioria esmagadora dos democratas e anti-salazaristas deve ser uma candidatura de todos os oposicionistas — uma candidatura verdadeiramente nacional.

Como vencer estas dificuldades

Como vencer todas estas dificuldades? Em primeiro lugar, é preciso não esquecer que o inimigo a bater é Salazar e a sua camarilha fascista e os imperialistas que os apoiam. É preciso não esquecer que são Salazar e a sua camarilha que incitam à luta anti-comunista para impedir a unidade dos democratas. É preciso não esquecer que são os agentes de Salazar e dos imperialistas norte-americanos e ingleses que sopram promessas entre certos meios democráticos para impedir a escolha e apresentação de um único candidato da Oposição, de um candidato firme, combativo e incorruptível.

Em segundo lugar, procurar o apoio entre as massas populares e organizá-las e mobilizá-las para a acção pelas suas reivindicações económicas, mas também com energia para a acção eleitoral, levando-os a actuar junto de todos os democratas no sentido da escolha rápida de um candidato democrático e da criação de um amplo movimento eleitoral sem descriminação.

NÃO BASTA CRIAR AS POSIÇÕES QUE CONSIDERAMOS ERRADAS DESTES OU DAQUELES DEMOCRATAS, É PRECISO QUE AS MASSAS POPULARES ACTUEM JUNTO DELES NO SENTIDO DE SEREM GANHOS PARA A UNIDADE E A LUTA A FAVOR DA DEMOCRACIA E DOS INTERESSES DO POVO OU, SE ISSO NÃO FÔR POSSÍVEL, DE DESBARATAREM TODAS AS MANOBRAS TENDENTES A IMPEDIR A LUTA ELEITORAL DE MASSAS E A UNIDADE DE TODOS OS DEMOCRATAS E ANTI-SALAZARISTAS.

AO ATAQUE!

OS CERÂNICOS INSISTEM NA LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS

Na «Vista Alegre» de ILHAVO, reina a exploração mais desenfreada e um verdadeiro regime de campo de concentração. Os salários são baixos, mas o trabalho é cada vez mais violento.

Desesperados com tal situação, no passado dia 31 de Janeiro, como já noticiámos, CERCA DE 1.000 OPERÁRIOS das secções central, oleria, pinturs e fornos com uma Comissão de Unidade à frente dirigiram-se ao gerente CORTE REAL a quem pediram aumento. Este conhecido explorador em vez de responder ao justo pedido dos trabalhadores, vomitou insultos e ameaços contra eles, mas desta vez não conseguiu intimidá-los.

No dia seguinte CERCA DE 400 OPERÁRIOS DE OUTRAS SECÇÕES FORAM TAMBÉM PEDIR AUMENTO.

Depois disto a gerência aumentou cerca de 50 operários de 1$00 a 1$50 por dia. Isto representa uma grosseira tentativa para dividir os operários da Vista Alegre. TODOS OS OPERÁRIOS PRECISAM E QUEREM AUMENTO DE SALÁRIOS, MAS 1$00 NADA RESOLVE.

OPERÁRIOS DA VISTA ALEGRE! Todos Unidos sereis mais fortes do que os vossos exploradores Pinto Bastos e Corte Real. Insistai nos vossos pedidos de aumento por meio de concentrações junto da gerência, mas também no vosso sindicato. Devereis ser vós mesmos a decidir do aumento a pedir.

CERÂMICOS DA REGIÃO DE AVEIRO! Vós também ganhais salários de fome, a miséria reina nos vossos lares. Juntai-vos na luta aos vossos companheiros da Vista Alegre e escolhei as vossas Comissões de Unidade e, como elas, concentrai-vos em massa junto dos vossos patrões e pedir aumento de salários.

JUNTAI-VOS TODOS NO SINDICATO PARA DISCUTIR A VOSSA SITUAÇÃO, RESOLVER SOBRE O AUMENTO A PEDIR E PARA LEVARDES A DIRECÇÃO A FÓR-SE AO VOSSO LADO.

E VÓS, CERÂMICOS DA REGIÃO DE GAIA E DE COIMBRA, PORQUE ESPERAIS? AO ATAQUE COM OS VOSSOS COMPANHEIROS DE AVEIRO POR AUMENTO DE SALÁRIOS! Elegei também as vossas Comissões de Unidade e TODOS, COM ELAS À FRENTE, AOS PATRÕES E AOS SINDICATOS PEDIR AUMENTO DE SALÁRIOS!

RAMPAS DE FOGUETÕES? NÃO!

A possibilidade real da instalação destas rampas em território português é tanto mais eminente, quanto é certo, que os ministros salazaristas que participaram na reunião da NATO realizada em Junho do ano passado em Paris, onde esta questão foi decidida, declararam que o seu governo está disposto a todos os sacrifícios para a realização plena dos objectivos da Aliança Atlântica. É mesmo possível que às escondidas do povo, os preparativos para a instalação das rampas vão já adiantados, pois como se sabe está a ser construida uma grande base aeronaval a sul de Espinho «*em obediência a compromissos internacionais*» como diz o «Século» de 28-1-58.

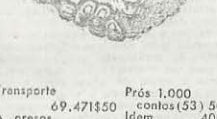
A miséria das massas trabalhadoras, a ruína das classes médias e a crise económica que a louca corrida aos armamentos vem provocando, a política externa de Salazar soma ainda novos perigos para o país e a vida pacífica do nosso povo. A plena participação do Governo salazarista nos planos de agressão dos imperialistas norte-americanos dirigidos contra a URSS e outros países do socialismo e os preparativos para fazerem do nosso país uma base para essa agressão, podem acarretar a Portugal, caso tal agressão venha a realizar-se, acções de represália com armas atómicas. Para se avaliar o verdadeiro significado deste perigo, basta ter em conta que 2 ou 3 bombas de hidrogénio seriam suficientes para reduzir o nosso país — o povo, as nossas cidades e campos, os monumentos, as escolas e bibliotecas, todo o património nacional — a um montão de escombros.

Para justificarem esta política absolutamente estranha aos sentimentos do nosso povo e aos interesses do país, os salazaristas invocam o pretexto «*perigo russo*» e os pretensos «*intensões agressivas*» da União Soviética. A falsidade destas calúnias está hoje clara para muita gente. A União Soviética não só não ameaça de forma alguma o nosso país, como até convidou recentemente o governo português a associar-se aos esforços tendentes à convocação duma conferência dos chefes de Governo, com vista a pôr termo à tensão internacional.

Como se aponta no Informe Político do C.C. ao V.º Congresso, «*UMA POLITICA PORTUGUESA DE NEUTRALIDADE E PACE AOS BLOCOS MILITARES E DE PRESENÇA NÃO BÉLICA QUE INTERESSA AO NOSSO PAIS E ESTÁ CONFORME OS SENTIMENTOS PACÍFICOS DO NOSSO POVO*». É, efectivamente esta política, que pode conjurar os perigos que sobre o nosso país se vêm adensando e liberter a nossa economia das imensas despesas com a NATO e a corrida aos armamentos.

Que se denunciem os preparativos salazaristas para a instalação de rampas, através de documentos forgetes e outras publicações, que se dirijam representações aos presidentes da República e da Assembleia Nacional protestando contra tais preparativos, que se cubram as paredes e muros com inscrições dizendo: «*Rampas de Foguetões em Portugal? Não!!*»

PARA OS MIL CONTOS



Transporte	69.471$50	Prós 1.000 contos (53)	50$00
A. presos políticos	10$00	Idem	400$00
Amizade	500$00	Idem	400$00
Arquiteto da Paz	100$00	Idem	50$00
Av. para os 1.000 contos	1.200$00	Idem	200$00
Av. para a democracia	1.000$00	Idem	300$00
Cobrador V.	20$00	Idem	50$00
Construtor do futuro	600$00	Idem	100$00
Dias melhores	100$00	Idem	20$00
De um inteligente	50$00	Idem	200$00
Em marcha p. a vitória	200$00	Idem	500$00
Mao	1.050$00	Idem	100$00
O futuro é nosso	50$00	Idem	100$00
Por um presidente democ.	33$00	Sapateiro V.	40$00
		Santos	130$00
		Saudoso A. Tavares	500$00
		Sceiro P. Gomes	3.000$00
		Um grande amigo do P.	19.000$00
		Uni. como um só	200$00
		TOTAL	99.634$50

GRANDE EXEMPLO DE LUTA CONTRA O DESEMPREGO

Nos fins de Dezembro, 195 assalariados agrícolas foram despedidos das obras nas estradas, para os agrários poderem dispor pelo preço que lhes conviesse de pessoal para os trabalhos que se avizinhavam. Apercebendo-se desta manobra não se consideraram despedidos. Concentraram-se todos na Casa do Povo exigindo o regresso ao trabalho, diziam que iriam buscar comer onde o houvesse e que fariam a marcha da fome até BEJA. Aos gritos e clamores diziam: «*Queremos negociar com a gentes! «Se os agrários querem a monda feita paxem pelo dinheiro!*»

Temendo que as coisas se complicassem as autoridades de Beja deram ordem para irem trabalhar 50 homens. Todos à uma não aceitaram esta tentativa de os dividir. Perante tal firmeza e unidade, as autoridades propuseram o emprego imediato de 100, 50 iriam trabalhar no dia 9 de Janeiro e os restantes até ao dia 16, o que foi aceite pelos assalariados.

Depois de já todos estarem a trabalhar elegeram uma Comissão de Unidade que se avistou com o encarregado de estrada pedindo aumento de salário para todos e conseguiram ser aumentados de 16$70 para 17$70. Representando já uma nova vitória isto é uma miséria. Por isso eles querem os 20$00 e lutam por eles.

SEPARATA

Com este número do «Avante!» sai uma separata com rubricas, num total de 33.738$00

1.º DE MAIO

JORNADA DE CONFRATERNIZAÇÃO OPERÁRIA

No dia 11 de Fevereiro perto de 100 operários de Tortozendo concentraram-se na Secção do Sindicato Têxtil e comunicaram ao presidente que pensavam fazer uma exposição ao Ministro das Corporações pedindo o feriado do 1.º de Maio. O presidente do Sindicato juntamente com o delegado do I.N.T. convocaram, por isso, uma reunião em que participaram mais de 100 operários.

Nesta reunião o delegado do I.N.T. pretendeu intimidar os operários e convencê-los a não irem para diante com a sua reivindicação, dizendo que no Barreiro e noutros lados já todos trabalhavam no dia 1.º de Maio, que este é o dia dos ideiais socialistas, e que poderiam escolher outro feriado. Os operários, porém, não se deixaram intimidar por estas pressões e continuaram a insistir que queriam o feriado no 1.º de Maio, dizendo que no Tremagal e noutras localidades este é um grande dia de festa e que queriam festejá-lo, igualmente, na terra mas não com a presença repressiva da GNR, como sucedeu o ano passado.

Perante a insistência dos operários e vendo que não conseguia demovê-los prometeu-lhes que iria a Lisboa tratar pessoalmente do caso com o Ministro.

OPERÁRIOS DE TORTOZENDO! a promessa do delegado do INT tem em vista unicamente impedir a vossa luta. Deveis portanto, continuar a lutar e se não conseguirdes o feriado do 1.º de Maio faltei mesmo assim ao trabalho nesse dia.

Operários de todo o país, a gloriosa data do 1.º de Maio, símbolo da luta dos trabalhadores de todo o mundo deve ser comemorada dignamente por vós. Organizai para esse dia passeios, festas e outras formas de reunião para discutirdes os vossos problemas e fazerdes deste dia uma jornada de unidade e de confraternização operária.

Um abraço para que acabe o monstruoso parlatório da fome de Caxias, enviando petições à Assembleia Nacional, às autidades eclesiásticas, ao ministro do interior, da Justiça e ao director da PIDE.

GES PCP

3 MEDIDAS DE URGÊNCIA

PARA SALVAR A ECONOMIA NACIONAL

— Elevação geral de Salários e Ordenados
— Negociações com a União Soviética, as Democracias Populares e outros países
— Industrialização e investimento na Indústria e na Lavoura das Verbas destinadas à guerra

A Lei que autoriza as Receitas e Despesas do Estado, a chamada «*Lei de Meios*», foi há pouco «*discutida*» e aprovada na Assembleia Nacional.

Reflectindo o descontentamento e o pânico crescente de círculos que até há pouco aplaudiam Salazar, vários deputados criticaram com energia certos aspectos da política governamental. Assim, enquanto um salientava que «*são verdadeiramente insuficientes as verbas destinadas à saúde pública*» o outro insistia em que «*o problema tem aspectos de crescente agravamento*» e que «*a situação é deplorável*», alguns outros se referiram ao estado lamentável do Ensino, ao despreso a que são votadas as Populações rurais ou, quanto à Lavoura, «*ao agravamento constante duma situação que reputo trágica e insustentável, prenhe de pesadíssimas e graves consequências*» (Melo Machado).

No entanto, apesar da justeza destas críticas que, no conjunto, são a condenação dum regime, nenhum dos senhores «*representantes da Nação*» teve a coragem de fazer uma verdadeira análise da lei em discussão e de abordar os seus dois traços essenciais, desenvolvidos, aliás, no relatório que a antecede.

E contudo, para que o primeiro traço essencial da «*Lei de Meios*» se tornasse claro, bastaria que os senhores deputados nos dissessem porque não há afinal assistência à saúde, à instrução, à População rural ou à Lavoura, quando o certo é que as Receitas nunca foram tão elevadas como serão em 1958, MERCÊ DA MASSA SEMPRE MAIOR DOS IMPOSTOS E DAS ALCAVALAS. E para dizê-lo, bastaria que lutassem a quase um terço do total das Despesas, declaradamente destinadas à «Defesa e Segurança», as que têm o mesmo fim mas se encontram camufladas pelos diversos Ministérios e pelo próprio Plano de Fomento.

E que se não julgue que tão criminosa política tende a modificar-se com a evolução da situação internacional e com as dificuldades cada vez mais angustiosas em que se debate a nossa economia. Não! Enquanto que com o malfadado Plano de Fomento serão gastos este ano menos 25.000 contos, só com as Despesas Extraordinárias da «Defesa e Segurança» serão despendidos mais 185.000 do que no ano transacto!

O segundo traço essencial da «Lei de Meios», ainda que não traduzido directamente em números, diz respeito às consequências para o País da criação recente do Mercado Comum Europeu. Dada a incapacidade da indústria portuguesa de concorrer com a estrangeira, fruto dum quarto de século de marasmo corporativo; dada a inexistência dum mercado interno capaz de absorver a produção nacional, fruto da já tradicional e mesquinha política dos «*salários baixos*»; dada ainda a nossa dependência comercial dos mercados dos países imperialistas, fruto do apoio prestado a Salazar — a criação do Mercado Comum, a não se verificar uma séria viragem na política económica do governo, ACARRETARÁ A RUÍNA INEVITÁVEL DE GRANDE PARTE DA NOSSA INDÚSTRIA, ASSIM COMO DA LAVOURA E DO COMÉRCIO. Desta ruína fala já bem alto o deficit de cerca de 5 milhões de contos da balança comercial nos primeiros 11 meses de 1957, o maior até hoje registado.

Não querendo atender aos desejos expressos pelas massas e por muitos círculos económicos (Congresso das Indústrias, reunião da associação Industrial do Porto, etc.) no sentido duma política económica corajosa e verdadeiramente nacionalista, o governo Salazar não encontra outra solução que não seja a contemporização, as negociações com os participantes do Mercado Comum e, por fim, a irremediável abdicação dos interesses do País.

Ao contrário, o que caracterizaria uma POLÍTICA NACIONAL, capaz de arrostar com as graves dificuldades existentes e capaz de vencê-las?

Em primeiro lugar, a recusa em participar no Mercado Comum ou na projectada Zona de Comércio Livre, assim como a saída da NATO, que acarreta despesas sem qualquer contrapartida, a procura imediata de novos mercados, seja pelo reforço do mercado interno, através da elevação de salários e ordenados, seja pelo estabelecimento de negociações com a União Soviética, as Democracias Populares e outros Países, em pé de verdadeira igualdade; em terceiro lugar, um largo conjunto de medidas para a industrialização do País e, entre elas, o investimento em meios de produção dos capitais até agora destinados a satisfazer as ambições guerreiras dos aventureiros da NATO.

Esta a política que o País deseja, a que serve os interesses da Nação e os da grande maioria dos portugueses.

É evidente, como se verifica pela «Lei de Meios» para 1958, que o governo não está na disposição de segui-la, apesar da gravidade da situação.

Mas o governo terá de recuar, se essa fôr a vontade do País. O governo terá de recuar, se isso lhe fôr imposto pela grande maioria dos portugueses, unidos na defesa dos seus interesses e nos do património comum, unidos na defesa duma Independência Nacional mais ameaçada do que nunca.

O MUNDO CAMINHA PARA A DEMOCRACIA

São cada vez em maior número e mais decisivas as lutas travadas pelos povos oprimidos de todo o mundo em defesa da Liberdade, da Democracia e da Paz.

O invencível povo argelino resiste heròicamente à terrível agressão do imperialismo francês, cujos governos queimam em vão na fogueira desta injusta e condenada guerra o melhor da juventude francesa e dezenas e dezenas de contos dos seus dinheiros.

Na INDONÉSIA o povo, sob a direcção do seu governo popular repele uma após outras as tentativas do imperialismo para ali instaurar um governo da sua feição.

Na COLÓMBIA e na VENEZUELA também o imperialismo ianque sofreu recentemente duros revezes com o derrubamento pelo povo das ditaduras terroristas que ali dominavam apoiadas por aquele imperialismo.

Após o derrubamento do governo fascista de Péron o povo da ARGENTINA unindo-se para a batalha eleitoral acaba de eleger Frondizi para a Presidência da República. E de esperar que as acções populares continuem até que o povo argentino veja satisfeitas as suas reivindicações democráticas e anti-imperialistas.

Em CUBA através das acções de massas, como greves, e da luta armada o povo luta pela sua liberdade, contra a ditadura de Baptista. Em toda a América Latina sopra um vento salutar de liberdade e democracia que ergue os povos deste continente contra a dominação imperialista.

Fracassou em toda a linha a apregoada «*doutrina Eisenhower*» para o MÉDIO ORIENTE. Os povos desta região do globo unem-se cada vez mais contra a tentativa do imperialismo ianque-sofreu recentemente inglês para manter ali a todo o custo as suas posições, cada vez em menor número e mais ameaçadas, não hesitando em recorrer ao assassinato político e a ataques bandidescos contra populações indefesas como o que foi desencadeado contra OMAN. A República Árabe Unida com o EGIPTO, SÍRIA e YEMEN, à qual decerto outros países se juntarão é uma expressão clara do desejo destes povos da encontrarem pelas suas mãos os caminhos do futuro.

Na INGLATERRA, FRANÇA, JAPÃO e outros países, o povo une-se e protesta enérgicamente contra a instalação de rampas de foguetes e doutros preparativos no seu território para a preparação da guerra atómica.

Uma grave crise económica, política e social corroe as entranhas do próprio imperialismo. No baluarte deste — os Estados Unidos da América — o desemprego atinge proporções nunca vistas, ultrapassando os 5 milhões o número de desempregados.

Os êxitos dos povos soviético e dos países socialistas, a ajuda desinteressada da União Soviética aos povos oprimidos e saqueados pela enorme ânsia de lucros do imperialismo internacional, a sua acção constante a favor da Paz com a apresentação de propostas neste sentido, como a que recentemente foi feita para a convocação duma conferência em alto escalão, não podem deixar de fortalecer dum forma decisiva o campo da paz e da democracia em todo o mundo, enfraquecendo consideràvelmente o campo imperialista.

Com razão o conhecido crítico político americano Walter Lippman escrevia no «Século» a 3 de Março, que a despeito da louca corrida em que se lançara para os armamentos «*a época da supremacia americana foi breve e acabou*».

FÁBRICA OU CAMPO DE CONCENTRAÇÃO?

NA CUF DO BARREIRO colocaram agora 150 «*vigilantes*» ao serviço que se comportam como autênticos policiais. Consta mesmo que alguns são da PIDE.

Esta nova medida de exploração causou muito justamente uma indignação geral entre os operários. Estes podem ver agora com os seus próprios olhos em que consiste a tão decantada «*harmonia de interesses*» entre patrões e operários, a tão decantada «*harmonia de classes*» apregoada pelo demagogo ministro das Corporações.

Será possível lutar e pôr mesmo termo a esta medida policial mais própria de um campo de concentração do que de uma fábrica? Sim é possível. Vós, operários e operárias da CUF do Barreiro, sois cerca de 8.000! Unidos e dispostos a defender a vossa dignidade de trabalhadores e de homens sereis uma força formidável que os lubarões Manuel de Melo e Companhia terão de respeitar. Um conselho: Comecem por preparar uma acção massiva de protesto junto dos engenheiros e depois da gerência mostrando a vossa repulsa e, ao mesmo tempo tentar fazer compreender aos «*vigilantes*», que por acaso não sejam bufos nem pides, o papel miserável que estão a desempenhar contra os trabalhadores. Isto não resulta? Vemos então um pouco mais adiante: começar a fazer cera, contrariar todas as ordens dos encarregados e engenheiros daquela maneira hábil de que os operários são capazes e, ao mesmo tempo, tornar a vida negra aos vigilantes bufos dentro e fora da empresa, denunciando-os e apontando-os a todos como rafeiros malditos do grande patronato. Isto não dá ainda resultado e os operários e operárias da CUF querem resolvem acabar com essa infâmia e serem tratados como homens e mulheres dignos? Então fazer pequenas paralizações, ir mesmo para a GREVE. Mas, em última análise, quem deve encontrar as formas de luta mais apropriadas e resolver sobre a sua aplicação devem ser os próprios operários e operárias atingidos. O Partido Comunista Português estará sempre com eles.

Para Reprimir o Povo Goês

SEGUEM NOVOS REFORÇOS MILITARES PARA A ÍNDIA

Desde o princípio do ano foi anunciado o envio de mais 3 navios com tropas para a Índia.

A repressão brutal com que o Governo de Salazar tem respondido ao movimento dos povos de Goa, Damão e Diu para se libertarem da dominação colonial portuguesa, vai pois, ser intensificada.

Esta política vem custando ao país vidas preciosas e o sangue dos seus jovens soldados, lança o luto sobre muitos lares, o custo ao país 1.000 contos por dia no ano de 1957. Nas cadeias salazaristas estão encarcerados, vítimas das maiores torturas e condenados a pesadas penas patriotas goeses e muitos outros têm perdido a vida ou ficado inutilizados na luta contra o colonialismo português.

Para justificar essa repressão os salazaristas têm tentado fazer crer, que as acções de resistência que vêm tendo lugar em Goa são levadas a cabo por indianos vindos da União Indiana. Porém pelos jornais de meados de Novembro do ano passado, que anunciaram uma serie de prisões de pessoas acusadas de estarem implicadas em actos de terrorismo; podia ver-se que todos os presos eram goeses, professores, comerciantes, funcionários, trabalhadores diversos e que todos eles tinham a sua vida organizada em Goa e aí exerciam as suas profissões. O próprio Salazar no seu discurso de 1-XI-57, à sua maneira e certo, reconheceu que «*a União Indiana com seguin aliciar . . . alguns goeses*».

O carácter mais violento das acções de resistência desenvolvidas ultimamente pelos povos de Goa e Damão são a consequência de repressão feroz com que o Salazarismo responde ao movimento pacífico destes povos pela sua libertação. Este facto, mostra como o envio de novos contigentes militares e a consequente intensificação da repressão, podem agravar os acontecimentos sangrentos que aí se vêm desenvolvendo, podem arrastar Portugal para um conflito armado com a União Indiana, pois, nem o povo goês desistirá do seu direito à autodeterminação, nem a União Indiana consentirá indefinidamente, em ter crevada no seu território a última presença do colonialismo que duramente séculos escravisou os seus povos. Os preparativos para a instalação de bases americanas em Goa, tornam ainda mais delicada a situação, pois para a União Indiana as colónias portuguesas na India passarão a ser focos de ameaça à sua independência nacional.

O V Congresso do Partido Comunista Português corroborou a Declaração sobre o problema das colónias portuguesas e a solução há muito definida pelo Partido, preconizado «*que o caso de Goa seja resolvido pacìficamente por meio de negociações, que seja o povo de Goa a decidir dos seus destinos com completa liberdade*».

Esta a política que todo o povo português deve reclamar, para que voltem aos lares os seus filhos soldados e oficias destacados na India, para que nem mais uma gota de sangue português seja vertido na repressão à causa justa do povo goês, para evitar que o país seja arrastado para uma guerra colonial sangrenta.

A AMNISTIA É UMA ASPIRAÇÃO NACIONAL

Nas sessões que tiveram lugar no decorrer da campanha eleitoral para deputados e nas várias assembleias oposicionistas que se têm realizado posteriormente, a aspiração de uma amnistia para todos os presos e perseguidos políticos tem sido manifestada por oradores das mais diversas tendências e sempre calorosamente apoiada por quantos participaram nestas acções.

Isto demonstra que as tentativas do governo para fazer crer que a amnistia é um problema dos comunistas não resultaram e demonstra ainda, se recordarmos manifestações do passado, que a amnistia é sim uma aspiração nacional que merece o epíteto unânime do nosso povo e de figuras representativas das mais diversas correntes incluindo altos dignatários do clero e pessoas que apoiam o actual regime.

Como tem respondido o Governo de Salazar a esta aspiração? Leva a efeito novas prisões, como as dos jovens, MANUEL PEDRO, PEDRO MONJARDINO, RAUL GONÇALVES e JOSÉ DE SOUSA, acusados de terem assistido ao Festival Mundial da Juventude, em Moscovo. Intensifica as torturas aos presos políticos como está fazendo aos patriotas JOSÉ CARLOS, ROLANDO VERDIAL e IVONE LOURENÇO mantidos incomunicáveis desde que foram presos. Alonga ilegalmente os períodos de prisão fazendo protelar os julgamentos, como está acontecendo com os jovens MARIA FERNANDA ALVES e FRANCISCO MARTINS presos há mais de um ano. Força os juízes locais dos Tribunais Plenários a condenar em penas absurdas como as que foram aplicadas a FRANCISCO MIGUEL, CARLOS COSTA e seus companheiros de processo e mais recentemente a ANTÓNIO GOMES RÊGO. Tenta impôr a prisão perpétua ao nosso povo através dos «*medidas de segurança*» a que estão submetidos ALVARO CUNHAL, HENRIQUE GALVÃO, MANUEL RODRIGUES DA SILVA e outros democratas e dirigentes populares que há muito cumpriram as suas penas.

Estas medidas repressivas são no entanto, um sinlomo das dificuldades em que o regime salazarista se debate. Isolado da Nação, assistindo a frequentes deserções das suas fileiras, tenta manter-se no poder pela intimidação e o terror dirigido contra todos — comunistas, democratas de outras tendências ou simplesmente descontentes — a sua polícia política e os seus leis iníquas, de que as «*medidas de segurança*» são o exemplar mais refinado.

A experiência demonstra no entanto, que a luta contra as «*medidas de segurança*» como a luta por uma ampla amnistia, podem conduzir a vitórias se todos os portugueses contra quem a repressão salazarista é dirigida, juntamente com todos os outros portugueses que discordam dos processos desumanos e de força com que o salazarismo governa, unanimemente e através das acções mais diversas reclamem o termo das «*medidas de segurança*» e reivindicarem uma ampla amnistia para todos os presos e perseguidos políticos.

Notícias das empresas

NA FÁBRICA DE PORCELANA DE COIMBRA os operários uniram-se contra a tentativa da gerência de manter em atraso o pagamento de uma quinzena. Não tendo conseguido levar avante o seu intento, a gerência armou-se em polícia, fez interrogatórios para ver se encontrava os «*cabeças*». É caso para dizer: queriam negociar com o dinheiro dos operários e ainda por cima tentam empregar a repressão.

Na CERÂMICA DE ALMADA (Almada) mais de 100 operários que trabalhavam horas extraordinárias e faziam empreitada, sem receber o que era devido, actuaram junto do seu sindicato e conseguiram o apoio da sua direcção, recebendo agora, em conjunto, cerca de 16 contos, quantia que o patrão tinha embolsado indevidamente.

Na GANIGUER (Lisboa) os patrões previnieram o pessoal que tinham que fazer horas a mais para receber o dia do Ano Novo. Em nome de todos, uma Comissão foi reclamar junto da gerência, dizendo que os operários não estavam dispostos a fazer horas a mais, pois se os patrões não podiam dar broas a mais de 50 guardas da P. S. P. mais dever tinham de as pagar aos seus operários. E assim, os operários triunfaram, recebendo o dia do Ano Novo.

Na fábrica de cortiça do FAUSTO LAVRADOR (Cova da Piedade) pretendeu-se que os patrões fizessem serões e trabalhassem ao domingo, mas que só pagaria a singelo, recusando-se os operários a trabalhar nestas condições.

Na VAZ GUEDES — Alverca — afixaram um aviso dizendo que não pagavam o dia primeiro do ano. Os murmúrios e descontentamentos foram tais que receiosos de uma tempestade, os patrões mandaram retirar o aviso e pagaram o dia.

ESCLARECIMENTO

Por lamentável lapso foi publicado no número 248 do «Avante!» uma notícia referente aos empregados de escritório dos Armazéns de Mercearias tal como o nosso correspondente nos enviou. Ora, tratando-se duma forma de acção que o Grémio, com a adesão incompreensível de alguns empregados de escritório, empreendeu com o fim de descarregar de as responsabilidades que tem perante situação crítica, a redacção do «Avante!» necessàriamente teria que se pronunciar contra tal acção que no fundo conduzia nada mais nada menos do que a uma luta do Grémio dos Armazenistas de Mercearias juntamente com os seus empregados de escritório pelo aumento dos preços dos géneros. Aumentar os preços destes seria na realidade agravar a vida da população e aumentar os lucros do Grémio e dos grandes intermediários, dos grandes armazenistas, que podem e devem pagar mais aos seus empregados, sem que os géneros aumentem.

OIÇA A RÁDIO!

RÁDIO MOSCOVO:

Transmite para Portugal, todos os dias, das 21 h. às 21,30 pelas ondas de 25 e 41 metros e das 22 h. às 22,30 em 41 e 49 metros.

RÁDIO ESPANHA INDEPENDENTE

Transmite todos os dias, em espanhol, nas ondas de 37, 39 e 43 metros, desde as 18 horas às 23, com um curto intervalo de 2 minutos, em cada meia hora.